

# Cartografias do desvio: intervenções e disputas simbólicas em “Espaço de Continuidade” (2016) e “*La Bruja*”(1981)

*Cartographies of deviation: artistic interventions and symbolic disputes  
in “Espaço de Continuidade” (2016) and “La Bruja” (1981)*

João Coser<sup>1</sup> (PPGA-UFES/CAPES)

**Resumo:** O presente artigo analisa as relações entre memória coletiva e patrimônio cultural na arte contemporânea, utilizando uma abordagem comparativa entre duas obras: “Espaço de Continuidade” (2016), de João Cóser, e “La Bruja” (1981), de Cildo Meireles. Ambas exploram a construção e ressignificação de espaços públicos, com ênfase na interação e participação do público. A metodologia aplicada consiste na análise qualitativa e comparativa dos elementos materiais e simbólicos presentes nas intervenções artísticas. Os resultados sugerem que essas práticas artísticas funcionam como instrumentos de preservação e transmissão de memória cultural, conectando passado e presente, e reafirmando o potencial da arte contemporânea como legado cultural vivo, capaz de questionar os limites tradicionais da arte institucionalizada.

**Palavras-chave:** memória coletiva; patrimônio cultural; arte contemporânea; intervenção artística.

**Abstract:** This article analyzes the relations between collective memory and cultural heritage in contemporary art, using a comparative approach between two works: “Espaço de Continuidade” (2016), by João Cóser, and “La Bruja” (1981), by Cildo Meireles. Both explore the construction and redefinition of public spaces, with an emphasis on public interaction and participation. The methodology applied consists of qualitative and comparative analysis of the material and symbolic elements present in artistic interventions. The results suggest that these artistic practices function as instruments for the preservation and transmission of cultural memory, connecting past and present, and reaffirming the potential of contemporary art as living cultural legacy, capable of questioning the traditional limits of institutionalized art.

**Keywords:** collective memory; cultural heritage; contemporary art; artistic intervention.

DOI: <https://doi.org/10.47456/m8ehzp78>



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

<sup>1</sup> Artista Visual, mestre em Arte e Cultura pela Universidade Federal do Espírito Santo. Doutorando em Teorias e Processos Artístico-Culturais no departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista pela CAPES. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4251-8620>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2717674846562304>.

## **Introdução**

A arte contemporânea, em sua pluralidade de formas e linguagens, muitas vezes se apresenta como um meio de questionamento e ressignificação dos espaços, da memória coletiva e do patrimônio cultural. Ao mesmo tempo, ela se coloca como uma plataforma crítica, capaz de desvelar dinâmicas sociais, políticas e econômicas que permeiam as relações humanas e os espaços que habitamos. Ao longo dos séculos XX e XXI, a arte deixou de ser concebida apenas como um objeto autônomo destinado a um espectador passivo, transformando-se em experiências interativas que provocam o engajamento do público e criam espaços de reflexão e participação. Nesse cenário, o espaço público torna-se um campo de negociação simbólica, onde as obras de arte assumem um papel político e cultural.

Este artigo tem como objetivo investigar essas questões, a partir de uma análise comparativa entre "Espaço de Continuidade", de minha autoria, e "*La Bruja*", de Cildo Meireles. Ambas as obras exploram a interação do público com o espaço, seja ele público ou privado, propondo maneiras de participação que transcendem os limites da contemplação tradicional. Soma-se a isso o fato de exemplificarem como a arte pode questionar a organização espacial tradicional e reconfigurar as relações entre o público e o privado, o individual e o coletivo.

Inicialmente, situamos as obras no contexto histórico e artístico em que foram realizadas, destacando suas aproximações materiais e conceituais. "Espaço de Continuidade", concebida em 2016, utiliza novelos de lã como um convite tátil e visual para a participação ativa dos transeuntes, enquanto "*La Bruja*", apresentada na XVI Bienal de São Paulo, em 1981, emprega 2.500 km de fios de algodão para "contaminar" o espaço expositivo e seus arredores, dissolvendo os limites entre a obra e o ambiente. Essas escolhas materiais, aparentemente simples, carregam implicações profundas, pois instauram uma poética de conexão e continuidade que é, ao mesmo tempo, física e simbólica.

Em seguida, analisamos como essas obras problematizam a relação entre

arte, espaço e espectador, propondo novas dinâmicas de ocupação e interação. Ao transformar o público em coautor do processo criativo, "Espaço de Continuidade" e "*La Bruja*" deslocam as fronteiras tradicionais da autoria artística e inserem sua prática no âmbito da experiência coletiva. As linhas que se espalham pelos espaços públicos e institucionais evocam não apenas um elemento estético, mas uma possibilidade de repensar as relações interpessoais e espaciais.

A metodologia aplicada neste artigo é baseada em análise comparativa das obras mencionadas. A escolha dessas obras se deve à sua relevância na discussão sobre resignificação de espaços públicos e preservação da memória coletiva. O estudo adota uma abordagem qualitativa, que inclui a análise de elementos materiais e simbólicos presentes nas intervenções, além do exame das interações promovidas pelas obras com seus respectivos públicos.

A análise foi estruturada em três etapas principais. No primeiro tópico, discutiu-se a intervenção "Espaço de Continuidade", considerando sua proposta de transformar o espaço público em um campo aberto de interação. No segundo tópico, foi abordada a instalação "*La Bruja*", destacando como a obra provoca reflexões sobre a organização do espaço e suas normas. O uso de um objeto doméstico como ponto de partida para uma intervenção que rompe barreiras físicas e simbólicas sugere uma crítica à rigidez dos limites impostos por instituições artísticas. Por fim, o terceiro tópico estabeleceu um diálogo entre as duas obras, evidenciando suas conexões conceituais. Ambas trabalham com a ideia de traçar percursos que tensionam fronteiras – sejam elas espaciais, institucionais ou simbólicas.

Discutimos, ainda, como essas obras contribuem para a construção e preservação da memória coletiva, funcionando como instrumentos de transmissão cultural. A arte, nesse contexto, não apenas reflete a dinâmica cultural de seu tempo, mas se torna um meio ativo de resignificação e diálogo com o passado. Ao reinterpretar os espaços e engajar o público em suas propostas, "Espaço de Continuidade" e "*La*

*Bruja*" estabelecem uma ponte entre o presente e a memória, reafirmando a importância da arte como um legado cultural vivo.

### **“Espaço de Continuidade” (2016): arte como conexão**

A intervenção "Espaço de Continuidade", realizada em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, propôs transformar parte de um espaço público em um palco de interação coletiva e poética. O edifício da Assembleia, caracterizado por uma fachada composta por revestimentos em tons terrosos e rosados, apresenta degraus amplos que conduzem à entrada principal. Esses degraus e a calçada em frente ao prédio tornaram-se o cenário de uma ocupação artística, na qual novelos de lã vermelha foram estrategicamente espalhados, criando um contraste vibrante com o cimento cinza do chão. Os fios de lã, desenrolados de maneira não linear, formavam uma rede caótica que percorria o chão e as escadas, transformando a superfície em uma trama visual que convidava à participação ou, no mínimo, instigava curiosidade.

A obra foi pensada para desafiar os limites entre arte e espaço público. Como criador e performer, meu objetivo era fomentar interações que ressignificassem o ambiente urbano. Para tal, convidei um grupo de performers para construirmos um “corpo coletivo de ação” naquele espaço. Utilizamos materiais simples e acessíveis, como novelos de lã vermelha, que foram colocados no chão de maneira a provocar curiosidade e engajamento. Essa paisagem visual não apenas sugeria observação, mas convidava ativamente os transeuntes a participarem da construção da obra. Participantes de diferentes idades interagiram com os fios de diferentes maneiras: alguns seguravam pedaços de lã, outros observavam a cena à distância, enquanto outros se engajavam mais diretamente, desenrolando os novelos e criando desenhos ou tapetes com os fios. Cada interação contribuía para a construção de uma narrativa coletiva.



Figura 1. “Espaço de Continuidade”, 2016, João Cóser. Intervenção realizada em frente à Assembleia Legislativa de Vitória, com fios de lã vermelha espalhados pelos degraus e calçada, criando uma trama visual que contrasta com o concreto urbano. Na fotografia, observa-se uma jovem negra vestindo roupas pretas, de costas para a câmera e de frente para as escadarias da Assembleia, que já estão cobertas pela trama de fios vermelhos. Fonte: acervo do artista.

Os performers vestiam trajes pretos com inscrições brancas que orientavam as ações dos participantes. As mensagens inscritas nas roupas, que diziam "Construa também um espaço: 1. Pegue uma linha (ou não); 2. Construa", funcionavam como um convite aberto à criação. A vestimenta desempenhou, assim, um papel simbólico crucial, estabelecendo de um diálogo direto com o público e marcou a presença dos performers como mediadores da intervenção. Mais do que um elemento funcional, a vestimenta integrava os performers ao cenário e ao público, criando um elo visual e conceitual que reforçava a proposta da obra.

A escolha da lã vermelha não foi aleatória. O vermelho, cor predominante na intervenção, possui uma carga simbólica profunda. Ele evoca o sangue e a vida, bem como a violência, estabelecendo uma conexão visceral com os participantes e espectadores. Os fios, ao conectarem pontos do espaço físico, tornaram-se metáforas de laços

sociais, continuidade e memória compartilhada. O ato de desenrolar os novelos, por sua vez, simboliza um gesto de construção coletiva, em que cada participante contribui ativamente para a narrativa visual e simbólica da obra. Essa ação remete à ideia de continuidade: cada fio desenrolado e cada gesto de participação ampliavam a obra, transformando o espaço público em um território de encontros e diálogos.



Figura 2. “Espaço de Continuidade”, 2016, João Cóser. Detalhe da intervenção com fios vermelhos formando caminhos sensíveis no chão, ativando o espaço e convidando à participação coletiva. Na fotografia, observamos dois jovens com camisetas pretas em primeiro plano. Eles manuseiam os novelos de fios vermelhos e os espalham sobre o chão de concreto. No segundo plano, pessoas caminham da esquerda para a direita, algumas com mãos livres, outras com bolsas e sacolas de compras. Ao centro, destaca-se um vendedor ambulante que carrega um arame onde estão afixados dezenas de pacotes de balas. Ao fundo, um ônibus cobre quase toda a paisagem. Fonte: acervo do artista)

A sensibilidade do chão, nesse contexto, é um aspecto que merece destaque. O chão deixou de ser apenas uma base funcional e tornou-se parte ativa da experiência estética. Os fios de lã, ao serem desenrolados pelos participantes, criaram uma trama simbólica que conectava as pessoas e transformava a superfície do espaço. Muitos participantes evitavam pisar sobre os fios, demonstrando respeito e curiosidade pelo



que estava sendo construído. Essa relação delicada com o chão revela uma dimensão de cuidado e atenção que raramente se observa em espaços urbanos, geralmente percebidos como frios e impessoais. O chão tornou-se um espaço sensível, capaz de provocar novas maneiras de interação e percepção do ambiente.

Transformar o chão em um campo de criação poética, em um cenário de possibilidades, também questiona nossa relação cotidiana com o espaço público. Espaços como calçadas e praças são, muitas vezes, percebidos apenas como lugares de passagem, onde o movimento é guiado por funções práticas e utilitárias. No caso específico desse trabalho, o fato de se situar próximo a um ponto de ônibus, dramatiza tal questão, pois criou uma tensão nos modos de se chegar ao ponto, de correr atrás de um ônibus ou mesmo de descer dele. Temos, ainda, o fato de que interagir, de algum modo, com o trabalho, provocou um alargamento da vivência do tempo, o que não acontece quando ocupamos um lugar de modo estritamente funcional, em que imperam a velocidade e a economia temporal. Ao propor um convite à criação coletiva e à construção de significado, "Espaço de Continuidade" sugere que esses lugares também podem ser campos de diferenciação do banal e resistência cultural, onde a participação ativa reconfigura os significados do cotidiano. A transformação do chão em espaço de memória coletiva provoca uma reflexão sobre como reaproximar o público da arte e da própria experiência urbana.

A transformação do chão em um campo de criação poética, em "Espaço de Continuidade", reforça a memória coletiva por meio da construção de experiências compartilhadas que se fixam tanto no espaço físico quanto nas vivências individuais e coletivas. O ato de desenrolar os fios e de evitar pisá-los revela uma relação simbólica de cuidado e pertencimento, em que o público, mesmo que de maneira instintiva, participa da preservação de algo que está sendo construído coletivamente. Esse gesto delicado ressignifica o espaço público, que passa a ser percebido como um lugar de vínculos afetivos e culturais.

Ao tornar o chão um elemento ativo na intervenção, o trabalho evoca

memórias do cotidiano, mas também propõe uma ruptura com o ritmo acelerado da vida urbana, convidando os participantes a vivenciar o tempo de maneira ampliada e reflexiva. Essa desaceleração, mesmo que momentânea, permite que as pessoas percebam o espaço de maneira diferenciada, registrando na memória corporal o ato de interação e participação. Assim, o espaço público deixa de ser apenas funcional para se tornar um local de lembrança e presença coletiva.

O fato de o trabalho ter sido realizado em um ponto de passagem, próximo a um ponto de ônibus, amplia essa questão, pois o cotidiano desses espaços é marcado pela pressa e pela transitoriedade. A instalação propôs uma pausa nesse fluxo, transformando um lugar banal em um cenário de criação e diálogo. Essa ruptura cria um contraste entre o efêmero da ação e a permanência simbólica da experiência vivida, que se sedimenta na memória coletiva dos participantes. Ao convidar o público a construir significado em conjunto, o trabalho reforça a ideia de que a memória coletiva não é estática, mas se forma a partir de gestos e encontros que reconfiguram o espaço e o tempo.

Dessa maneira, ao ocupar a calçada e os degraus da Assembleia Legislativa, a intervenção resgata histórias e vivências que geralmente passam despercebidas nos percursos cotidianos. A trama de fios, que conecta pessoas e espaço, transforma o ambiente em um lugar de encontro e narrativa, onde memórias individuais se somam a uma memória coletiva que transcende o instante da ação artística. Nesse sentido, "Espaço de Continuidade" sugere que a arte no espaço público pode funcionar como um dispositivo de memória cultural, criando vínculos afetivos e sociais que resistem ao esquecimento e à banalização do cotidiano.

A relação entre arte, espaço e participação cidadã fica ainda mais evidente quando consideramos como as linhas vermelhas criadas pelos novelos guiavam os passos e as trajetórias dos transeuntes. Ao evitar pisar sobre os fios, as pessoas não apenas respeitavam o que estava sendo construído, como inseriam-se em um fluxo coletivo de criação e continuidade. A obra, assim, tornava-se uma forma de reconexão, tanto



entre as pessoas quanto entre estas e o espaço público que habitam. O potencial simbólico da obra se desdobra em diversas camadas. A ação de criar coletivamente pode ser vista como uma resposta às dinâmicas sociais que, muitas vezes, afastam os indivíduos de seu entorno e uns dos outros. "Espaço de Continuidade" funciona como um dispositivo que, ao propor uma experiência que reforça laços sociais, cria significados para o espaço urbano. O simples ato de interagir com materiais cotidianos, como a lã, sugere que a arte pode ser acessível e transformadora, aproximando o público de uma vivência mais sensível e conectada com seu entorno.

A calçada em frente à Assembleia, ao final da intervenção, não era apenas um local ocupado por arte; era uma superfície transformada por histórias, encontros e possibilidades. O que se construiu foi mais do que uma intervenção visual: foi uma trama de relações, um espaço de continuidade simbólica e material. Cada fio desenrolado, cada gesto de participação, contribuiu para a criação de um ambiente onde arte e vida se entrelaçavam de maneira visceral e poética. A intervenção demonstrou o potencial do espaço público como lugar de conexão, evidenciando como a arte pode ressignificar contextos cotidianos e promover diálogos coletivos.

### ***“La Bruja” (1981): a contaminação do espaço***

A instalação "*La Bruja*", de Cildo Meireles, foi apresentada na XVI Bienal Internacional de São Paulo, em 1981, e tornou-se um marco na discussão sobre os limites do espaço institucional e a relação entre arte, público e ambiente. A obra consistia em uma vassoura doméstica cuja base da haste, onde se amarram as cerdas, estendia-se por quilômetros de fios de algodão que se espalhavam tanto pelo espaço interno da Bienal quanto por seus arredores. Essa expansão provocava uma contaminação visual e física do ambiente, desafiando os limites arquitetônicos do prédio projetado por Oscar Niemeyer e, ao mesmo tempo, os limites simbólicos das instituições artísticas.



Figura 3. “*La Bruja*”, Cildo Meireles, 1981. Registro da instalação na XVI Bienal Internacional de São Paulo, com fios de algodão se expandindo pelo espaço expositivo e seus arredores, tensionando os limites institucionais. A imagem é composta de três fotografias orientadas verticalmente e coloridas em tons de azul, cinza e branco. A primeira, à esquerda, mostra a vassoura apoiada na parede branca ao fundo e as centenas de fios brancos que se estendem na direção da câmera. A segunda foto mostra os fios ainda a estenderem-se na direção do resto do espaço, com novelos espalhados pelo chão escuro, pessoas e rampas de acesso aos demais pavimentos ao fundo. A terceira mostra a rampa de entrada do prédio, ainda com os fios esticados sobre o chão e três pessoas descendo na direção da câmera. Disponível em: <https://www.bienal.org.br>. Acesso em: 09 jan. 2025.

A escolha de uma vassoura como elemento central da obra é carregada de significados. Por ser um objeto do cotidiano, ela remete à esfera doméstica, ao trabalho invisível e às práticas de limpeza e organização. O que a vassoura quer varrer? Em “*La Bruja*”, esse objeto se torna um agente de desordem, ao espalhar fios de algodão por todo o espaço expositivo e além dele. A obra questiona, portanto, as dinâmicas de controle e organização do espaço, propondo uma ruptura que transforma o ambiente em um campo aberto de possibilidades.

Ainda que “*La Bruja*” não tenha sido mencionada diretamente, Cildo Meireles já demonstrava, em entrevista concedida a Hugo Auler, em 1976, uma visão ampliada sobre arte e instituição, ao afirmar que o museu talvez fosse o próprio comportamento das pessoas, suas formas de viver, relacionar-se, comunicar e lidar com os hábitos cotidianos. Essa perspectiva antecipa o potencial da instalação em dissolver os limites tradicionais da arte e da arquitetura institucional, proporcionando ao

espectador uma experiência sensível que se desdobra no próprio ato de estar no mundo. Essa perspectiva dialoga com a noção de "reconexão da arte com a vida", proposta por Hal Foster, que vê na arte contemporânea "um retorno às questões do cotidiano e das práticas sociais", e destaca: "a arte contemporânea desafia a lógica excludente das instituições tradicionais, ao criar experiências que ultrapassam os limites do espaço simbólico fechado, propondo um diálogo crítico com as definições de arte, artista e comunidade" (Foster, 2014, p. 161). Nesse sentido, as obras que promovem interações diretas com o público e o espaço ampliam o alcance da arte, ressignificando o ambiente, ao propor novas maneiras de pertencimento e participação. A contaminação do espaço físico e simbólico deixa de ser um gesto isolado e torna-se uma prática transformadora que convida o espectador a ocupar, questionar e reimaginar os lugares que habita.

Além disso, a obra alinha-se ao conceito de "estética relacional", desenvolvido por Nicolas Bourriaud, ao criar situações de encontro e interação que ampliam as possibilidades de experiência artística. Bourriaud argumenta que "a arte contemporânea não se limita à produção de objetos, mas envolve a criação de situações e relações que mobilizam o público" (Bourriaud, 2009, pp. 19-20). A instalação "*La Bruja*" ilustra essa dinâmica, propondo um "domínio de trocas", em que "o valor simbólico está no mundo de relações humanas que a obra reflete e propõe" (Bourriaud, 2009, p. 24). Em vez de apresentar uma obra fechada e autônoma, Meireles propõe um espaço de interação, em que o público é parte ativa do processo criativo.

A contaminação do espaço físico, promovida pelos fios de algodão que se espalhavam por diferentes áreas da Bienal, também pode ser interpretada como metáfora para a contaminação simbólica das instituições de arte. Essa metáfora remete à ideia de uma arte que "não está confinada a um espaço delimitado, mas que se expande e se transforma de acordo com o contexto social e cultural em que é inserida". Como observa Regina Melim, "o espaço de ação do espectador

amplia a noção de performance, transformando a obra em uma superfície aberta e distributiva, que só se completa na interação com o público" (Melim, 2008, p. 61).



Figura 4. "*La Bruja*", Cildo Meirelles, 1981. Esboço da instalação mostrando a estrutura da vassoura e a dispersão dos fios de algodão, visualizando a contaminação do espaço arquitetônico. Duas ilustrações orientadas horizontalmente e realizadas em preto sobre branco. A primeira mostra os fios saindo detrás de uma parede e entrando por uma larga porta, em direção a quem observa. A segunda mostra os fios descendo pela rampa de acesso ao prédio da Bienal. Disponível em: <https://www.bienal.org.br>. Acesso em: 09 jan. 2025.

Em "*La Bruja*", essa interação se dá por meio dos caminhos erráticos traçados pelos fios, que conduzem o espectador por percursos imprevisíveis e desestabilizam as barreiras tradicionais entre o dentro e o fora, o institucional e o cotidiano.

A instalação também pode ser compreendida à luz da reflexão de Krauss sobre a escultura no campo ampliado. Segundo Krauss, obras no campo ampliado "subtraem ou adicionam significados ao espaço, propondo uma experiência que não é nem puramente arquitetônica nem meramente paisagística" (Krauss, 2008, pp. 133-135), o que seria o caso de "*La Bruja*". Os fios de algodão estendidos pelo espaço da Bienal criaram configuração espacial, que transformou o ambiente arquitetônico em um espaço relacional e sensível, capaz de provocar novas percepções e interações.

A escolha do fio de algodão remete à ideia de conexão e continuidade. O material têxtil funciona como um elemento simbólico que aponta percursos e estabelece laços entre pessoas, espaços e tempos. Os fios de algodão tornam-se extensões da vassoura, criando um espaço relacional

que ultrapassa as fronteiras físicas da instalação. Essa expansão pode ser interpretada como uma metáfora para a expansão do próprio conceito de arte, que deixa de estar confinado a objetos e galerias e passa a ocupar o mundo real.

A obra também provoca uma reflexão sobre o papel do espectador. Em "*La Bruja*", o público não é apenas um observador passivo, mas é convidado a interagir com os fios, percorrendo os caminhos traçados por eles e participando da contaminação do espaço. Essa interação transforma o espectador em coautor da obra, reforçando a ideia de que "a arte contemporânea é um processo coletivo e relacional" (Bourriaud, 2009, p. 24). Como ressalta Bourriaud, "a proposta relacional da arte contemporânea implica que a obra deve ser analisada pelo valor das interações que promove e pelos modelos de sociabilidade que sugere" (Bourriaud, 2009, pp. 19-20). "*La Bruja*" desafia as estruturas tradicionais da arte institucionalizada e propõe uma reconexão entre arte e vida.

A obra de Meireles revela o potencial transformador da arte como prática que mobiliza o público e propõe uma experiência sensorial e simbólica. "*La Bruja*" reafirma "a importância da arte como um espaço de questionamento e transformação, em que os limites tradicionais das instituições artísticas são dissolvidos em prol de uma prática aberta e participativa" (Foster, 2014, p. 161).

### **Sensibilidade do chão**

Um ponto de convergência fundamental entre "Espaço de Continuidade" e "*La Bruja*" é a maneira como ambas as obras resignificam o chão, transformando-o em um elemento ativo e simbólico na experiência artística. Em vez de ser apenas um suporte passivo para a circulação de corpos, o chão torna-se um território de construção coletiva, carregado de significados que ultrapassam o campo estético e se inserem no cotidiano social e político. Esse aspecto revela como o espaço físico pode ser transformado em superfície de interação e conexão, redefinindo a relação entre o indivíduo e o ambiente que o cerca.

Em "Espaço de Continuidade", as linhas de lã vermelha dispostas pelo chão criaram não apenas texturas em um percurso visual, mas uma experiência de presença e cuidado. A maneira como os transeuntes reagem aos fios demonstra uma mudança na percepção do espaço público: o simples ato de caminhar era desafiado por uma proposta que provocava reflexão e delicadeza. A decisão de evitar pisar sobre os fios, por exemplo, evidenciava um respeito pelo que estava sendo construído ali, destacando o valor simbólico da ação coletiva.

Esse engajamento físico e emocional transforma o chão em um espaço vivo, onde o espectador deixa de ser passivo e torna-se parte integrante da obra. O material escolhido, a lã vermelha, reforça essa conexão, ao evocar simbolismos ligados à vida, à continuidade e aos laços sociais.

Por sua vez, em "*La Bruja*", o chão é atravessado por uma intervenção que desafia as barreiras institucionais. Os fios de algodão, que se espalham tanto pelo espaço interno da Bienal quanto por suas áreas externas, criam um trajeto não linear, conduzindo o espectador por caminhos imprevisíveis. Essa interação desestabiliza o ambiente expositivo, desafiando as normas de circulação e percepção tradicionais. O chão, geralmente associado à estabilidade e à ordem, torna-se uma superfície fluida, marcada pela presença errática dos fios que se entrelaçam e se expandem. Essa expansão, por sua vez, provoca uma sensação de deslocamento e desorientação que leva o público a questionar sua própria posição no espaço.

A interação com o chão em ambas as obras não se limita à questão espacial, mas envolve uma dimensão sensorial e afetiva. Em minha intervenção, o espectador é levado a experimentar o espaço de maneira diferente, rompendo com a ideia de que o chão é apenas um local de passagem. Em vez disso, o chão é transformado em um suporte narrativo, onde histórias são tecidas em conjunto. Essa dimensão coletiva é crucial para entender a potência dessas intervenções, que não apenas ocupam o espaço, mas o ressignificam por meio da participação ativa do público.

A transformação do chão em um território sensível também reflete uma crítica às hierarquias espaciais tradicionais. Em contextos institucionais, como museus e galerias, o espaço expositivo é frequentemente controlado e regulado, limitando a interação do público. No entanto, tanto em "Espaço de Continuidade" quanto em "*La Bruja*", há uma ruptura com essa lógica, ao criar espaços abertos e em constante transformação. A presença dos fios que atravessam o chão desafia a ideia de um espaço fixo e previsível, propondo, em vez disso, um ambiente mutável e participativo. Essa dinâmica reforça a noção de que a arte contemporânea é um campo de interação e diálogo, onde as fronteiras entre obra e espectador são constantemente negociadas.

A relação com o chão, portanto, não se restringe ao nível físico, mas alcança o simbólico. Em "Espaço de Continuidade", transformamos a calçada em frente à Assembleia Legislativa em um palco de criação coletiva, onde cada fio desenrolado carregava um significado de pertencimento. Essa ação buscava não apenas ocupar o espaço urbano, mas ressignificá-lo como lugar de encontros, diálogos e memória compartilhada. Em "*La Bruja*", o chão da Bienal é contaminado por uma intervenção que questiona os limites institucionais, propondo um espaço de liberdade e transgressão. Ambas as obras nos fazem repensar o chão como um lugar que não apenas recebemos de forma passiva, mas que podemos ativar, transformar e ressignificar por meio de nossas ações.

Ao provocar novas maneiras de interação e percepção, as trajetórias redefinidas pelos fios em ambas as obras criam um ambiente onde o espaço físico se torna um território de possibilidades. Essa transformação não ocorre de maneira isolada, mas é resultado do encontro entre obra, público e contexto social. A interação com o chão evoca questões sobre pertencimento, memória e agência, propondo uma arte que não se limita à contemplação, mas que se constrói a partir da participação ativa. Ainda podemos pensar no fluxo dos fios. Enquanto, em "*La Bruja*", a direção é de dentro para fora – de dentro do espaço institucional para a rua –, em "Espaço de Continuidade", o fluxo é de fora para dentro, da rua para o



espaço institucional, na medida em que a escadaria de acesso à Assembleia é também sensibilizada pela trama de fios de lã.

Em ambas as obras, o material têxtil funciona como um elemento simbólico que estabelece laços entre pessoas, espaços e tempos, bem como direções possíveis para percursos. Em "*La bruxa*", as direções são mais delineadas, ao passo que em "Espaço de Continuidade" o espectador/transeunte poderia "andar em círculos".

Por fim, é importante destacar que o chão, como suporte simbólico e material, possui um caráter paradoxal. Ele sustenta e delimita, mas também pode ser um espaço de transgressão e transformação. Ao explorar essa dualidade, proponho, em "Espaço de Continuidade", que o chão seja percebido como lugar de criação e encontro. Essa sensibilidade do chão revela o potencial da arte contemporânea de questionar estruturas sociais e espaciais, propondo novas maneiras de interação e pertencimento que conectam o indivíduo ao coletivo, o presente ao passado, e o real ao imaginado.

### **Ressonâncias simbólicas**

As obras "Espaço de Continuidade" e "*La Bruja*" compartilham um conjunto de ressonâncias simbólicas que as aproximam, apesar de suas diferenças contextuais e materiais. Ambas trabalham com a ideia de conexão e continuidade, utilizando fios como elementos materiais e metafóricos que estabelecem laços entre pessoas, espaços e tempos. Essa conexão simbólica se desdobra em questões como: como criar espaços de encontro e diálogo? Como transformar o espaço público em um lugar de pertencimento? Como a arte pode promover uma reconexão entre o indivíduo e o ambiente que o cerca?

Em "Espaço de Continuidade", a escolha da lã vermelha não foi apenas uma decisão estética, mas uma estratégia para evocar sensações de pertencimento e intensidade emocional. A lã vermelha carrega simbolismos ligados ao corpo, à vitalidade e à criação de laços. O ato de desenrolar os novelos não apenas materializa a ideia de continuidade, mas simbolizava

um processo contínuo de construção coletiva, em que identidades se entrelaçam por meio de trocas e experiências compartilhadas.

Por outro lado, em *“La Bruja”*, os fios de algodão sugerem uma expansão que contamina e ocupa o espaço expositivo e seus arredores. A obra de Meireles se expande para fora da Bienal, desestabilizando os limites entre o dentro e o fora, o institucional e o cotidiano. Essa expansão provoca uma ruptura nas hierarquias espaciais, criando possibilidades de interação. O chão, que normalmente serve como suporte funcional, torna-se um espaço ativo que redefine percursos e provoca deslocamentos.

Ambas as obras desafiam as fronteiras institucionais e estimulam a participação do público. Em minha obra, a interação do público com os fios de lã vermelha promoveu uma transformação temporária do espaço urbano, ressignificando a calçada como um território de criação e diálogo. Essa transformação só se concretizou por meio do engajamento coletivo, evidenciando a importância de uma arte que se constrói a partir das trocas interpessoais.

Como aponta Foster (2014, p. 161), a arte contemporânea desafia as fronteiras institucionais, propondo novas formas de interação e participação que questionam as hierarquias tradicionais. Em ambas as obras, os limites do espaço expositivo são dissolvidos, e o espectador é convidado a assumir um papel ativo na construção de significado, ampliando o alcance simbólico das intervenções artísticas.

A relação entre pertencimento e expansão, presente em ambas as obras, revela o potencial da arte contemporânea como prática que ultrapassa os limites do espaço expositivo. Enquanto “Espaço de Continuidade” evoca um gesto de cuidado e construção conjunta, *“La Bruja”* sugere um movimento de ruptura. No entanto, ambas apontam para a criação de espaços participativos e em constante transformação, onde o público ativa os significados das obras.

Essa dualidade é central para compreender as ressonâncias simbólicas dessas obras. Enquanto “Espaço de Continuidade” propõe uma experiência de ligação e construção, *“La Bruja”* sugere ruptura e expansão. Ambas,

porém, criam espaços abertos e dinâmicos, onde o público é convidado a refletir sobre suas relações com o ambiente e com os outros indivíduos. Em última análise, as duas intervenções revelam que a arte contemporânea é uma prática que promove encontros, provoca questionamentos e ativa novas formas de interação com o mundo real.

### **Considerações finais**

As obras analisadas neste artigo ilustram como a arte contemporânea pode gerar transformações tanto simbólicas quanto materiais em espaços públicos. Ambas as intervenções utilizam materiais simples e cotidianos, como fios de lã e de algodão, para estabelecer novas maneiras de interação entre o público, o ambiente e a obra em si. Esses elementos tornam-se, portanto, ferramentas para repensar as relações interpessoais e os vínculos com o espaço urbano, propondo modos alternativos de ocupação e vivência.

A análise comparativa revela que, embora concebidas em contextos distintos, ambas as obras compartilham o interesse em desafiar as fronteiras entre o institucional e o cotidiano, o privado e o coletivo, o estático e o dinâmico. Em “Espaço de Continuidade”, a proposta se concentra na criação de um lugar de pertencimento comunitário, onde cada participante colabora ativamente para a construção de significados. Por outro lado, “*La Bruja*” trabalha com a noção de expansão e subversão, rompendo com as estruturas tradicionais dos espaços expositivos e propondo novos percursos de circulação e interação.

Um aspecto central nas duas intervenções é a resignificação do chão, que deixa de ser apenas uma superfície funcional para se transformar em um território ativo de possibilidades. Em “Espaço de Continuidade”, o público, ao evitar pisar nos fios de lã vermelha, manifesta um gesto de cuidado e curiosidade pelo que está sendo construído. Já em “*La Bruja*”, os fios de algodão traçam percursos inesperados, desestabilizando o ambiente e provocando o espectador a reconsiderar suas trajetórias e relações com o espaço.

Outro ponto relevante é a maneira como essas práticas artísticas provocam uma pausa no ritmo acelerado da vida urbana. Ao interagir com os materiais e participar das propostas das obras, o público é incentivado a romper com a pressa do cotidiano e a experimentar o ambiente de maneira mais atenta e reflexiva. Essa desaceleração possibilita novas percepções do entorno e das relações sociais que nele se estabelecem, reforçando o potencial da arte como meio de reconexão com o presente.

Além disso, ambas as intervenções questionam as dinâmicas tradicionais entre o artista e o espectador. Propondo uma participação ativa, as obras deslocam o público de uma posição passiva para um papel mais engajado, de modo que cada indivíduo contribui para a experiência coletiva. Essa interação transforma o espectador em coautor da obra, ampliando o alcance das propostas artísticas e reforçando seu caráter relacional.

Por fim, “Espaço de Continuidade” e “*La Bruja*” destacam a relevância da arte contemporânea como um veículo para transformar espaços comuns em cenários de diálogo e troca. As intervenções analisadas demonstram que a arte tem o poder de ressignificar contextos cotidianos e promover conexões significativas entre indivíduos e o ambiente que os cerca. Ao tensionar as fronteiras entre o físico e o simbólico, o privado e o público, essas obras nos convidam a imaginar novas maneiras de habitar e vivenciar o mundo ao nosso redor.

## Referências

AULER, Hugo. **Entrevista com Cildo Meireles**. Correio Braziliense, Brasília, Caderno Cultura, p. 12, 28 jan. 1976. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274\\_02&pagfis=70526](https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028274_02&pagfis=70526). Acesso em: 06 jun. 2025.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOSTER, Hal. **O retorno do real**: a vanguarda no final do século XX. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FUNDAÇÃO Bial de São Paulo. **16ª Bienal Internacional de São Paulo: catálogo geral**. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 1981. Disponível em:

<https://issuu.com/bienal/docs/nameafc024/127>. Acesso em: 09 jan. 2025.

KRAUSS, Rosalind E. A escultura no campo ampliado. In: **A originalidade da vanguarda e outros mitos modernos**. Lisboa: Orfeu Negro, 2008.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016.

MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

Recebido em: 16 de maio de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025.